



ALEXANDRE ARAÚJO BISPO

BIO

47, nasceu, vive e reside em São Paulo. É antropólogo, curador, crítico e educador independente. Doutor (2019) e Mestre (2012) em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Pesquisador associado ao Coletivo ASA - Artes, Saberes e Antropologia USP-CNPq desde 2010. Crítico do Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo 2018-2019. Diretor da Divisão de Ação Cultural e Educativa do Centro Cultural São Paulo 2014-2016.

DEPOIMENTO

Acho o associativismo importante. O associativismo é capaz de indicar mesmo o nível de democracia vigente em um país, isso porque o associativismo cria um sujeito coletivo que pode fomentar pautas para a melhoria mais ampla do ambiente social, da vida coletiva. O associativismo como um meio de construir mudança social. Nesse sentido, é interessante pensar na ABCA que é uma associação com história própria. Espero poder ajudá-la a seguir existindo. Também espero estabelecer diálogos no sentido de valorizar experiências positivas progressas e ajudar a sinalizar as transformações necessárias para sua permanência no futuro. Acho que as artes são uma forma de conhecimento, daí a importância da reflexão crítica

sobre como elas nos ensinam a conhecer de um modo que não saberíamos. Sonho com a ampliação dos acervos dos museus públicos, com a abertura de novos museus, com a ampliação do campo de atuação para crítica, curadoria, conservação, educação, enfim, com museus vivos como preconizava o Mário de Andrade ainda na década de 1930 e, outros depois dele.

A terceira imagem que estou enviando é de quando fui educador no MAB FAAP em 2003. Como aprendi fazendo visitas, passando horas e horas dentro de exposições vendo, pensando e conversando sobre obras de arte, espaço expositivo. O intelectual que me tornei passa com muito prazer pela educação cultural que tive e talvez essa seja uma imagem síntese da minha trajetória.



ANA AVELAR

BIO

Ana Avelar é chefe do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília - UnB. Foi curadora da Casa Niemeyer entre 2017 e 2021 na mesma universidade. É doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo.

Como curadora, realizou mostras em diversos espaços -- Centro Cultural Banco do Brasil de Belo Horizonte - CCBB/BH, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC/USP, entre outros. Participa de júris na área, como Pipa, Rumos Itaú Cultural, Select Arte e Educação e Marcantonio Vilaça, do qual foi finalista na categoria curadoria em 2017. Em 2020, foi co-curadora convidada de Bienal Naifs do Brasil, no SESC Piracicaba.

No mesmo ano, foi selecionada pelo edital Intercâmbio de Curadores da Associação Brasileira de Arte Contemporânea - ABACT/APEX em parceria

com o Getty Research Institute, quando desenvolveu pesquisa na instituição californiana. Ainda em 2019, foi selecionada pela chamada de artigos do Instituto Casa Roberto Marinho.

Sua exposição “Triangular: arte deste século”, realizada na Casa Niemeyer em 2019, que resultou na formação de uma nova coleção de artistas brasileiros contemporâneos para a UnB, foi eleita melhor coletiva institucional do ano e, em 2020, melhor projeto adaptado ao digital pela enquete pública da Revista Select. No mesmo ano, publicou Crítica e curadoria dentro e fora do eixo: operação resistência, seleção de seus textos críticos da última década.

É coordenadora do Grupo de Pesquisa Academia de Curadoria, com o qual criou projetos em parceria com o Instituto de Arte Contemporânea - IAC, São Paulo, e Museu Nacional da República, Brasília, em 2021.

DEPOIMENTO

Observo que o cenário artístico global enfrenta um momento de auto-crítica bastante positivo, no sentido de uma transformação profunda de suas bases conceituais e constitutivas. Nessa direção, me parece oportuna a mudança que a ABCA apresenta, ampliando seus quadros e buscando renovar seus debates. Vocês me perguntam sobre meus “sonhos para a arte”, porém como crítica e curadora, meus sonhos são para o sistema da arte. Em outras palavras, espero poder vivenciar sistemas artísticos mais diversos, que contemplem tradições artísticas heterogêneas e adotem abordagens múltiplas porque, uma vez que atuo na academia, meu compromisso é também com a profissionalização dos agentes que atuam no meio artístico. Parece-me que apenas quando o sistema apresentar um natureza múltipla, em todos os sentidos, será possível estendermos o interesse para as artes visuais a diversos públicos que poderão com elas identificarem-se.



CAROLINA VIGNA

BIO

Sou bacharel em Artes Visuais; especialista em História da Arte; mestre e doutora em Educação, Arte e História da Cultura.

Escritora, crítica de arte, ilustradora, artista visual, editora, professora universitária e pesquisadora em áreas de Humanidades.

Participo com frequência de exposições, congressos de pesquisa e publicações.

Escrevo crônicas semanais para o Jornal Rascunho, onde também colaboro como ilustradora desde 2009.

Tenho uma ligação muito forte com tecnologia e a minha pesquisa curatorial é com grafos relacionais e interatividade.

Faço muita coisa diferente e sei que isso às vezes causa estranheza nas pessoas, mas essas interligações de pensamento são importantes para mim.

Sou workaholic, hiper produtiva, organizada e comecei muito cedo.

<http://carolina.vigna.com.br>

CLAUDINEI ROBERTO



BIO

Claudinei Roberto da Silva (professor, curador, artista visual) nasceu em 1963 em São Paulo onde vive e trabalha. Licenciado pelo Departamento de Arte da Universidade de São Paulo. Como curador realizou de diversas exposições entre elas, a “13ª Bienal Naïfs do Brasil” no Sesc Piracicaba e “Pretatititude. Insurgências, emergências e afirmações. Arte afro-brasileira contemporânea” em várias unidades do Sesc São Paulo. Curador e texto Crítico da exposição “Audácia Concreta” as Obras de Luiz Sacilotto - Museu Oscar Niemeyer de Curitiba. Coordenou o Núcleo Educativo do Museu Afro Brasil. Coordenador Artístico Pedagógico do projeto multinacional “A Journey through African diáspora” do American Alliance of Museums em parceria com o Museu Afro Brasil e Prince George African American Museum. Foi Bolsista Programa “International Visitor Leadership Program” do Departamento de Estado do Governo dos Estados Unidos. Faz parte do conselho curatorial do Museu de Arte Moderna de São Paulo na gestão 2019-2023.



CRISTIANA TEJO

BIO

Cristiana Tejo (Recife, 1976) é curadora independente e doutora em Sociologia (UFPE). Foi pesquisadora do projeto *Artists and Radical Education in Latin America: 1960s and 1970s* financiada pela Fundação de Ciência e Tecnologia de Portugal e membro integrado do Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa. Tem dedicado-se a projetos que visam o intercâmbio internacional entre o Brasil e o Exterior, a profissionalização dos artistas e a pensar o campo da curadoria de arte no Brasil. Desde 2016 faz acompanhamentos críticos de artistas de várias partes do mundo individualmente e também dos artistas residentes no Hangar - Centro de Investigação Artística, em Lisboa. Organiza com Marilá Dardot o projeto e espaço NowHere (experimentos e trocas artísticas), uma iniciativa experimental para pesquisas, diálogos e práticas em Arte Contemporânea, que tem sede em Lisboa. É curadora juntamente com Kiki Mazzuchelli da Residência Belojardim, no Agreste de Pernambuco, patrocinado pelo Instituto Conceição Moura, e foi co-fundadora do Espaço Fonte - Centro de Investigação em Arte (Recife) espaço de residência que recebeu artistas e curadores da Alemanha, França, Espanha, Argentina, Porto Rico, Holanda,

Portugal e de várias partes do Brasil. Foi também curadora do Projeto Made in Mirrors, que envolveu intercâmbio entre artistas do Brasil, China, Egito e Holanda, no período de 2007 a 2012. Como coordenadora-geral de Capacitação e Difusão Científico-Cultural da Diretoria de Cultura da Fundação Joaquim Nabuco (2009 - 2011), Cristiana Tejo desenhou um vasto programa de formação em arte contemporânea para agentes do campo. Foi co-curadora do 32º Panorama da Arte Brasileira do MAM - SP, com Cauê Alves, em 2011. Foi Diretora do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (2007-2009), curadora de Artes Plásticas da Fundação Joaquim Nabuco (2002-2006), Curadora do Rumos Artes Visuais do Itaú Cultural (2005-2006), Curadora visitante da Torre Malakoff (2003 - 2006) e curadora do 46º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco (2004-2005). Foi curadora da Sala Especial de Paulo Bruscky na X Bienal de Havana, co-curou Brazilian Summer Show - Art & the City (Museu Het Domein, Holanda, 2009) com Roel Arkenstein, Futuro do Presente (Itaú Cultural, 2007) com Agnaldo Farias e Art doesn't deliver us from anything at all (ACC Galerie, Weimar, 2006). Participou de diversas comissões de seleção e de premiação, entre elas: Bonnefanten Contemporary

Art Prize 2014 (Maastricht, Holanda), Videobrasil 2013, Solo Projects - Focus Latin America (ARCO Madri, 2013), Rumos Artes Visuais da Argentina (júri internacional, 2011), Salão de Goiás, Salão Arte Pará, do Programa BNB Cultural, Situações Brasília, entre outras. Lecionou História da Arte nas Faculdades Integradas Barros Melo por 8 anos onde também coordenou o Bacharelado em Artes Plásticas (2008-2009). Publicou Paulo Bruscky - Arte em todos os sentidos (2009), Panorama do Pensamento Emergente (2011) e Salto no Escuro (2012). Co-organizou o Guia do Artista Visual - Inserção e Internacionalização, editado pelo Ministério da Cultura do Brasil em parceria com a UNESCO (2018). Foi organizadora do livro Paulo Bruscky - Arte e multimeios (2014) e Cinco Dimensões da Curadoria (2017). É conselheira do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Vive e trabalha em Lisboa.

DEPOIMENTO

“Fazer parte da história da ABCA e poder trocar com tantos colegas é uma grande honra. Espero poder contribuir em seu processo de transformação neste momento tão complexo do mundo”.

DERI ANDRADE



BIO

Deri Andrade, alagoano, vive entre São Paulo e Belo Horizonte, é pesquisador, curador e jornalista. Mestrando em Estética e História da Arte na linha de pesquisa História e Historiografia da Arte (Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo - USP), especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais (CELACC - Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da USP) e formado em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo (Centro Universitário Tiradentes - Unit). Interessa-se pelo conceito de arte afro-brasileira, investigando a correlação entre conteúdo e forma presente nas poéticas de artistas negros/as/es. Desenvolveu a plataforma Projeto Afro, resultado de um mapeamento de artistas negros/as/es em âmbito nacional, por entender que a arte é um importante instrumento catalisador na luta antirracista. Tem passagens por instituições culturais, como o Museu de Arte Moderna de São Paulo, a Unibes Cultural e o Instituto Brincante. Atualmente é Curador assistente no Instituto Inhotim.

DEPOIMENTO

Feliz por estar ao lado de outr_s colegas pesquisadores que tanto admiro. Este, sem dúvida, é um momento especial para a ABCA.



EMERSON NASCIMENTO

BIO

Professor em cursos de especialização da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Docente pesquisador no Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC) da Universidade de São Paulo (USP). Graduação em Desenho Industrial pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo (USP). Doutorado em Artes Visuais: História, Teoria e Crítica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Parecerista do Ministério da Cultura. Editor e pesquisador do Coletivo Estudos de Estética (CEDE-USP). Designer, curador independente e pesquisador em estética, artes, design e moda. Desenvolveu na pesquisa de doutorado o tema arte e gênero, evidenciando o termo “trânsito de gênero” como categoria nas Artes Visuais.

DEPOIMENTO

Desde o início de minha carreira acadêmica conheço a Associação Brasileira de Críticos de Arte, acompanhando seus seminários, jornal e eventos. Gostaria de relatar como me sinto honrado em ser um novo associado. Ao candidatar-me para uma vaga pensei muito na História dessa associação. Nomes importantes da crítica de arte estão vinculados a ABCA desde sua fundação, Mário Pedrosa, Antônio Bento, Sérgio Millet, entre tantos outros, que no decorrer da História deixaram sua marca. Tive a oportunidade de ser aluno de ex-alunos desses fundadores da associação. Professores que incentivaram meu

olhar crítico e hermenêutico sobre a produção de arte. Participar da ABCA é um momento que marca a minha trajetória como docente, crítico e pesquisador. Junto a ABCA poderei colaborar estabelecendo diálogos com um “novo mundo” que se desvela numa vertiginosa velocidade. A crítica de arte nos oferece um campo fértil para o debate de ideias, neste sentido, a ABCA sempre ofereceu aos associados liberdade de expressão e conexão das artes para com a sociedade. Agora, como membro, pretendo articular essas novas ideias e propostas artísticas com o pensamento crítico e divulgá-las através da Associação Brasileira de Críticos de Arte.



EMI KOIDE

BIO

Emi Koide é professora nos cursos de Artes Visuais e no Programa de Mestrado em História da África, Diáspora e Povos Indígenas do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É pesquisadora sênior associada do programa “Arts of Africa and Global Souths” da Rhodes University (África do Sul). Realizou pós-doutorado em história da arte pela UNIFESP com estágio no Institute for Anthropological Research in Africa (IARA - KU Leuven, Bélgica), com o projeto “Imagens da África - Espectros da colonização do Congo (RDC)” com apoio da FAPESP (2013-2016). Foi co-

organizadora do Simpósio “Mediando passado, presente e futuro: narrativas históricas e arte do século XX e XXI; diálogos com experiências do sul global” (2016) em conjunto com Wits School of Arts (Joanesburgo, África do Sul) e Académie des Beaux Arts de Kinshasa (R.D. Congo). Coordena o projeto de extensão e pesquisa “Áfricas nas Artes” (UFRB) desde 2017. Dedicase à pesquisa na área de Artes e Comunicação, com ênfase em: história da arte, arte moderna e contemporânea africana (R.D. Congo, Senegal), estudo de caso de demandas de restituição do patrimônio africano, cinema expandido, fotografia e estudos decoloniais.

DEPOIMENTO

Espero poder contribuir com a ABCA para abertura e construção de diálogos com outras histórias das artes, em perspectivas transculturais, com o continente africano e o Sul Global. Creio ser fundamental refletir e trazer outras artes, outras manifestações, outras formas de crítica da arte, visando criar outras epistemologias para o campo.



FABRICIA JORDÃO

BIO

Curadora e professora.

Atua na intersecção entre curadoria/ decolonialidade; política das imagens/ arte contemporânea.

Doutora e Mestre em Artes pela ECA/ USP.

Em 2019 recebeu o prêmio de melhor tese da CAPES (Artes) com pesquisa que investigou as contribuições e atuações institucionais de críticos de arte e artistas visuais no processo de redemocratização brasileira. Desde 2019 atua como professora de curadoria e coordenadora do Laboratório de Imaginário Radical na UFPR. Dentre outras exposições, foi curadora ou co-curadora das mostras Alice Ricci (Espaço Cama-SP, 2021); Alex Vallauri (Museu Nacional da República-DF, 2021); 67o Salão Paranaense de Arte Contemporânea (MAC-PR, 2021); Estratégias do feminino (Farol Santander, Porto Alegre, 2019), Pequenos gestos: memórias disruptivas (MAC-PR, 2019), I Bienal Latino-Americana de São Paulo, 40 anos depois (Centro Cultural São Paulo, 2019).

DEPOIMENTO

Sinto-me honrada e agradeço a possibilidade de compor com essa Associação. Fazer parte da ABCA não significa apenas um reconhecimento de minhas contribuições e atuações mas, sobretudo, implica um compromisso e responsabilidade política com a atualização, transformação e a expansão permanentes do campo da arte bem como a articulação e qualificação, na esfera pública, dos debates suscitados nas artes visuais em sua interrelação com a realidade material e com nossos processos históricos.

FRANTHIESCO BALLERINI



BIO

Finalista do 60º Prêmio Jabuti pelo livro ‘Poder Suave - Soft Power’, Frantjesco Ballerini é jornalista e doutorando em Comunicação Midiática, Processos e Práticas Socioculturais, com especialização em audiovisual e jornalismo cultural. Acumulou experiência de repórter, redator, crítico de cinema e correspondente em países como EUA, Índia, Canadá, México e Argentina para o jornal O Estado de S.Paulo e Rádio Eldorado. Foi crítico de cinema da TV Gazeta e colunista de jornalismo cultural do Observatório da Imprensa. Atualmente, é colunista de soft power do norte-americano Fair Observer. Ministrou palestras e master classes sobre cinema e jornalismo na Universidade de Chicago, Universidade

de Illinois, Loyola University e Harvard University, nos EUA, além da Freie Universität de Berlim. É autor dos livros ‘Diário de Bollywood’ (2009), ‘Cinema Brasileiro no Século 21’ (2012), ‘Jornalismo Cultural no Século 21’ (2015), ‘Poder Suave - Soft Power’ (2017), com prefácio do ex-ministro da Cultura, Juca Ferreira, e ‘História do Cinema Mundial’ (2020), prefaciado por Walter Carvalho, diretor de Fotografia de Central do Brasil, indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Produziu filmes, como o documentário ‘Bollyworld’ e ‘Legacy’, este feito para a marca italiana Giorgio Armani, além de ‘Nome’, seu primeiro trabalho de direção e roteiro, tendo participado de seis festivais nacionais e internacionais.

DEPOIMENTO

Entrar na ABCA é a realização de um sonho, o reconhecimento de quase duas décadas cobrindo arte como repórter, crítico, pesquisador e escritor. Ao longo destes anos, minhas pesquisas tornaram evidente, para mim, o quão poderosa pode ser a arte para a imagem de uma nação e para o desenvolvimento de seu povo. Um país sem arte é um país sem rosto, sem alma. Acredito que a ABCA fortalece os laços dos brasileiros com sua própria identidade cultural. E a crítica, ao ecoar as belezas e contradições das obras analisadas, é um instrumento imprescindível para o crescimento e fortalecimento da própria arte brasileira.

HÉLIO MENEZES



BIO

Hélio Menezes, natural de Salvador-BA (1986), é antropólogo, atua como curador, crítico e pesquisador. Graduado em Relações Internacionais e em Ciências Sociais, é mestre e doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, e Affiliated Scholar do BrazilLab, da Universidade de Princeton. Trabalhou como curador de Arte Contemporânea do Centro Cultural São Paulo (2020-21), onde também atuou como curador de Literatura (2019). Foi coordenador internacional do Fórum Social Mundial de Belém (2009), Dacar (2011) e Túnis (2013); bolsista no Institut d'Etudes Politiques (Sciences-Po Paris, 2007) e na Universidad Autónoma de Madrid (UAM, 2013). Seus textos se encontram em publicações diversas, como os catálogos das exposições Histórias Afro-Atlânticas (vol. 1 e 2); 10th Berlin Biennale for Contemporary Art; Rubem Valentim: construções atlânticas

(MASP); Prison to prison: an intimate story between two architectures (Bienal de Veneza), entre outros. Entre seus trabalhos mais recentes, destacam-se Nova República (2019), em parceria com Wolff Architects (Cidade do Cabo) para a 12ª Bienal de Arquitetura de SP; a curadoria das exposições Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros (Instituto Moreira Sales, 2021); Abre-Caminhos (CCSP, 2020); 30ª e 31ª edições do Programa de Exposições do CCSP (2020/2021); Há luz atrás dos muros (exposição permanente do Museu de Arte Osório Cesar, Franco da Rocha); Vozes contra o racismo (São Paulo, 2020); The discovery of what it means to be Brazilian (Mariane Ibrahim Gallery, Chicago, 2020); Eu não sou uma mulher? (Instituto Tomie Ohtake, 2018) e Histórias Afro-Atlânticas (MASP / Instituto Tomie Ohtake - 2018).

IGOR SIMÕES



BIO

Doutor em Artes Visuais-História, Teoria e crítica da Arte-PPGAV-UFRGS. Professor Adjunto de História, Teoria e Crítica da arte e Metodologia e Prática do ensino da arte (UERGS). Foi Curador adjunto da Bienal 12 (Bienal do Mercosul- Curador educativo)). Membro do comitê de curadoria da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas-ANPAP, Membro do Núcleo Educativo UERGS-MARGS. Membro do comitê de acervo do Museu de Arte do RS-MARGS. Trabalha com as articulações entre exposição, montagem fílmica, histórias da arte e racialização na arte brasileira e visibilidade de sujeitos negros nas artes visuais. Autor da Tese Montagem Fílmica e exposição: Vozes Negras no Cubo Branco da Arte Brasileira. Membro do Flume-Grupo de Pesquisa em Educação e Artes Visuais. Tem mantido atividades na área de formação e debate sobre arte brasileira e racialização em instituições como MASP- Museu de Arte de São Paulo, Instituto Itaú Cultural, Instituto Moreira Salles, MAC/ USP-Museu de

Arte contemporânea da Universidade de São Paulo, universidades do Brasil e exterior. Atualmente junto às atividades docentes integra a equipe curatorial de duas exposições nacionais que focam o tema e com previsão de abertura no primeiro e segundo semestre de 2022. Contribui com publicações em livros, periódicos e revistas da área.

DEPOIMENTO

Associações como a ABCA são um espaço importante de disputa nas narrativas que têm constituído as epistemologias da arte brasileira. Se o que pensamos é a necessidade de alargar a noção de arte para que caibam nela um conjunto de práticas, criações e elaborações críticas que foram relegadas à categorias inventadas pelas hierarquizações de raça atravessadas por classe e gênero, é preciso que se estremeça também instituições como essa.

Há a necessidade, para a própria ABCA, de se posicionar diante de debates que necessariamente marcam

a experiência do contemporâneo se ela pretende continuar relevante no campo. Entendo que essa é uma entrada tardia porém incontornável de homens e mulheres negras que tem articulado alguns dos debates mais pulsantes da arte produzida em nossos dias. Se me perguntam o que espero para a arte, respondo que espero que essa palavra seja algo mais próximo da realidade e contextos de um país de herança colonial marcado pelas sobrevivências cotidianas do tráfico atlântico. História da arte e crítica são invenções próprias das modernidades e é preciso entender que nessa composição a raça foi o motor que garantiu a uma pequena parte do mundo sua projeção como cânone universal que em seu bojo reunia também uma clivagem entre aqueles que eram humanos e aqueles que eram coisificados nesse processo. Entendendo que a arte é contínuo dessa herança, rever suas bases é uma forma de reparação que acende novos significados para as poéticas do Sul do mundo e dos corpos.



JULIA LIMA

BIO

Julia Lima é curadora e pesquisadora. Graduada em “Arte: História, Crítica e Curadoria” pela PUC-SP, participou da Summer School do Courtauld Institute, em Londres, e integrou o Núcleo de Pesquisa e Curadoria do Instituto Tomie Ohtake por três anos. Foi júri do Prêmio EDP 2016, e coordenou a 2ª edição do programa de residência latino-americana do Adelina Instituto, em 2019. Fez a curadoria das mostras coletivas “Eu queria ser lida pelas pedras”, “Formas de Voltar para Casa”, “Ninguém vai tombar nossa bandeira” e “Ministério da Solidão”; e de diversas individuais, incluindo as de Kitty Paranaguá, Felipe Moraes, Élle de Bernardini e Bruno Novaes. Atualmente, coordena a área institucional da Simões de Assis, conduz projetos curatoriais e a pesquisa “Elas Estão Aqui”, dá cursos de história da arte, colabora com veículos especializados e realiza acompanhamento de artistas.

JULIANA GONTIJO



BIO

Rio de Janeiro, 1980. Pesquisadora, curadora e professora adjunta na Universidade Federal do Sul da Bahia (Porto Seguro, Brasil). Possui doutorado em História e Teoria das Artes pela Universidade de Buenos Aires (Argentina) e graduação em Estudos Cinematográficos pela Universidade Sorbonne Nouvelle (Paris, França) e em História da Arte e Arqueologia pela Université Le Mirail (Toulouse, França). Em 2014, publicou o livro *Distopias tecnológicas* (Ed. Circuito / Bolsa de Estímulo à Produção Crítica Funarte). Coordenou exposições na Fundación PROA (Buenos Aires) e na FUNCEB (Buenos Aires). Fez parte da equipe curatorial de seleção da 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil (São Paulo, 2019). Entre as curadorias realizadas, destacam-se: Kwá yepé turusú yuriri assojaba

tupinambá | Essa é a grande volta do manto tupinambá (Prêmio Funarte Artes Visuais 2021 / Galeria Fayga Ostrower, Brasília, e Casa da Lenha, Porto Seguro, 2021 / co-curadoria: Augustin de Tugny, Glicéria Tupinambá e Juliana Caffé); Cildo Meireles: *Cerca de Lejos* (Prêmio Círculo de Críticos de Arte de Chile de melhor exposição internacional / BienalSur / Centro Nacional de Arte Contemporáneo Cerrillos, Santiago, Chile, 2019); *Conversas em Gondwana* (Centro Cultural São Paulo, 2019 / co-curadoria: Juliana Caffé); *Dura lex sed lex* (BienalSur / Centro Cultural Parque de España, Rosario, Argentina, 2017 / co-curadoria: Raphael Fonseca); e *Instabilidade estável* (Prêmio Temporada de Projetos, Paço das Artes, São Paulo, 2014).

<https://juligontijo.wordpress.com>

DEPOIMENTO

Acredito na potência de agenciamento da arte para causar distúrbios nos sistemas; não apenas em escala macro, mas também aquelas micro perturbações do cotidiano que nos fazem indagar sobre nossa percepção de si e dos demais. O papel da crítica de arte está no emergir dessa potência. O olhar da crítica associado à linguagem escrita faz ressoar um eco não exato - já que não há uma única leitura possível - de uma obra ou artista. Essas variações de frequência ampliam, divergem ou tornam agudas essas potências, mas devem sempre trazer o grito.

LUCIARA RIBEIRO



BIO

Nascida em Xique-xique, Bahia, em 1989, é historiadora de arte, atua como educadora, curadora e pesquisadora sobretudo acerca de temas como descolonização da educação e das artes. Estuda as artes não ocidentais, em especial as africanas, afro-brasileiras e ameríndias. É mestre em História da Arte pela Universidade de Salamanca (USAL, Espanha, 2018) e pelo Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). É integrante do Grupo de pesquisa e extensão Áfricas nas Artes do Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Grupo de pesquisa Arte, História e Crítica

da Universidade de São Paulo e da Rede de Pesquisa e Formação em Curadoria de Exposição - UFMG, UEMG, MAMAM, UFPE e UNILAB - onde desenvolve um mapeamento sobre as curadorias negras e indígenas brasileiras. Integrou a equipe de educação da Bienal de São Paulo, do Museu da Cidade de São Paulo e do Museu Afro Brasil, entre outros, e também atuou na equipe de educação e de curadoria do Instituto Tomie Ohtake. Foi colaboradora da Diáspora Galeria. Foi assistente de curadoria da exposição Carolina Maria de Jesus, um Brasil para os brasileiros, no Instituto Moreira Salles. Atualmente é docente no Departamento de Arte Visuais da Faculdade Santa Marcelina e colaboradora no Ateliê 397.

MARINA CAMARA



BIO

Professora Adjunta do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área: Artes Visuais, subárea: História, Teoria e Crítica em Artes Visuais.

Curadora e crítica independente.

Pós-doutoranda pelo Departamento de Letras Modernas USP (Bolsa FAPESP até dezembro 2017); Doutora em Artes pela EBA UFMG (Bolsa Capes); Período sanduíche na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (Bolsa Capes); Mestre em Comunicação e Artes pela PUC MG; Especialização em Artes

pelo IUAV - Istituto Universitario di Architettura di Venezia, Itália; Master em Comunicação pela Università di Siena, Itália; Integrante do Comitê de Indicação do Prêmio Pipa (2017, 2020 e 2021); do Juri do Prêmio Açorianos (2018); do Prêmio de Arte Contemporânea da Aliança Francesa POA (2021); foi membro associado do Centro de Arte e Tecnologia JA.CA (MG) e perito do Ministério da Cultura - analista e parecerista - Áreas: Artes Visuais, Artes Plásticas e Produção Cultural, do Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC) - FUNART e Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

DEPOIMENTO

Compor a Associação Brasileira de Críticos de Artes significa, para mim, seguir trabalhando para que o pensamento sobre a importância da arte chegue a ter seu devido reconhecimento no Brasil, e para que os modos de acesso ao conhecimento pela arte sejam cada vez mais difusos. Sempre existiu uma profunda escassez de incentivos à cultura da educação em e pela arte no Brasil. Percebo a oportunidade de fazer parte da ABCA como uma forma de participar da produção de conhecimento em artes e de acompanhar a renovação do pensamento tanto sobre os mecanismos da crítica, quanto sobre seu papel hoje, tendo em vista a degradante situação atual da cultura no Brasil.



RENATA FELINTO

BIO

São Paulo 1978/ Vive no Crato.

Mulher afro-diaspórica e mãe de Benedita Nzinga e de Francisco Madiba. Artista visual e pesquisadora. Doutora e Mestre em Artes Visuais pela UNESP e especialista em Curadoria e Educação em Museus de Arte pelo MAC/ USP. Professora de Teoria da Arte na Universidade Regional do Cariri.

Foi Coordenadora no Núcleo de Educação do Museu Afro-Brasil. Curadora da 15ª Bienal Naifs do Brasil. Curadora do Educativo da 15ª Bienal Naifs do Brasil. É curadora adjunta do Instituto Oficina de Cerâmica Francisco Brennand.

Expôs na Histórias Afro-Atlânticas, no Instituto Tomie Ohtake/MASP (2018), 12º Bienal do Mercosul (2020), artista convidada do 29º Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo (2019). Prêmio PIPA 2020. Prêmio Select 2020. Prêmio 25º Salão Anapolino 2020, dentre outras participações.

DEPOIMENTO

Considero que a arte é uma área do conhecimento que deveria ser um testemunho da multiplicidade da capacidade humana de criar. Tenho como sonho que as pessoas que são artistas possam se expressar e viver da arte sem o crivo herdado da colonialidade dos saberes e estar dentre pessoas críticas de arte é uma oportunidade de apresentar e sinalizar esses novos direcionamentos junto a pares. De dentro precisamos pensar nestes crivos: Associação Brasileira de Crítica de Arte, por exemplo, é uma adequação que me parece urgente. Ocupar esse lugar a partir de esforços de várias colegas é legítimo e urgente para que tenhamos outras escritas sobre artes visuais



SABRINA MOURA

BIO

Sabrina Moura é professora, pesquisadora e curadora. É doutora em História da Arte pela Universidade de Campinas. Concebeu e organizou seminários e programas públicos apresentados por várias instituições, incluindo: Videobrasil, SESC-SP, Goethe Institut, World Biennial Forum, entre outros. Editou o livro *Panoramas do Sul: Perspectivas para outras geografias de pensamento* (Ed. SESC) que apresenta perspectivas culturais e artísticas sobre o conceito de Sul Global. Foi pesquisadora visitante no Instituto de Estudos Africanos da Universidade de Columbia, financiada pela Fundação Getty. Em 2021, realizou a curadoria da exposição “Arqueologia da Criação”, do artista Rossini Perez (Brasil, 1931-2020), apresentada pelo Museu Lasar Segall.



TEREZA DE ARRUDA

BIO

Tereza de Arruda é mestre em História da Arte, formada pela Universidade Livre de Berlim. Vive desde 1989 entre São Paulo e Berlim. Em 2021 bolsista da Fundação Anna Polke em Colônia para pesquisa da obra de Sigmar Polke. Como curadora, colabora internacionalmente com diversas instituições e museus na realização de mostras coletivas ou monográficas, entre outras, em 2021/22, Brasilidade Pós-Modernismo CCBB RJ-SP-DF-BH; Art and Halls. A Sense for Art Beyond Walls, Fundação Reinbeckhallen Berlin; Sergei Tchoban Futuristic Utopia or Reality, Kunsthalle Rostock; em 2019/2021, Chiharu Shiota linhas da vida, CCBB RJ-DF-SP; Chiharu Shiota linhas internas, Japan House; em 2018/2019, 50 Anos de Realismo - do Fotorrealismo à Realidade Virtual, CCBB RJ-DF-SP; em 2018, Ilya e Emilia Kabakov Two Times, Kunsthalle Rostock;

em 2017, Chiharu Shiota Under The Skin, Kunsthalle Rostock; Sigmar Polke Die Editionen, me collectors Room Berlin; Contraponto Acervo Sergio Carvalho, Museu da República DF; em 2015, InterAktion-Brasilien, Castelo Sacrow/Potsdam; Bill Viola na Bienal de Curitiba; Chiharu Shiota em busca do destino, SESC Pinheiros; em 2014, A arte que permanece, Acervo Chagas Freitas, Museu dos Correios DF-RJ; China Arte Brasil, OCA; em 2011, Sigmar Polke realismo capitalista e outras histórias ilustradas, MASP; Índia lado a lado, CCBB RJ-DF-SP e SESC; em 2010, Se não neste tempo, pintura contemporânea alemã 1989-2010, MASP. Desde 2016 é curadora associada da Kunsthalle Rostock. Curadora convidada e conselheira da Bienal de Havana desde 1997 e cocuradora da Bienal Internacional de Curitiba desde 2009.

www.p-arte.com

DEPOIMENTO

Para mim em um percurso de 30 anos de atuação como pesquisadora e curadora de artes plásticas é uma grande honra fazer parte da ABCA. Espero que a partir deste passo possamos não somente concretizar projetos em parceria, mas principalmente fortalecer em conjunto uma plataforma para análise e discussão do contexto sócio-cultural e sua evolução. Para cada tempo surgem novas demandas, novas perguntas e devemos atentar às respostas que daremos. Fazemos parte de um processo que há de ser evolutivo, em ordem progressiva e atuação horizontal.

VIVIANE BASCHIROTTO



BIO

Viviane Baschiroto é mestra e doutora em Teoria e História da Arte no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC/CEART. Pós-graduada em História da Arte e graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela UNIVILLE. Com o foco de pesquisa em História da Arte, principalmente Arte Moderna e Contemporânea, tem pesquisado diferentes linguagens como pintura, desenho, fotografia, escultura, cerâmica, vídeo, performance, instalações etc. Escreveu artigos sobre artistas, produziu entrevistas e organizou livros, periódicos e exposições. Atualmente desenvolve programas de cursos livres sobre História da Arte e Arte contemporânea e realiza orientações sobre o processo criativo com artistas. É criadora do perfil [@lendoahistoriadaarte](#) no Instagram e Facebook e do site www.lendoahistoriadaarte.com onde compartilha dicas, referências, obras e questões relativas à História da Arte.

DEPOIMENTO

Entrar na ABCA como crítica afiliada me traz muita satisfação, pois vivemos tempos em nosso país onde a arte e a cultura estão em segundo plano. Trabalhar para difundir conhecimento de qualidade, arte e cultura é um dos meus objetivos de vida, e acredito que isso se fortalecerá daqui para frente. Meu sonho para a arte é que ela seja cada vez mais valorizada e seja cada vez mais difundida.